

"Respeitar todas as variedades é essencial, mas isso não pode ser usado como desculpa para negligenciar o ensino da norma-padrão."

português é legal



CAROLINA PEREIRA
PABLO MARTINS

Apresentação

Será que a Língua Portuguesa é mesmo difícil? Por que é comum ouvir brasileiros dizerem que não sabem falar português? Será que a experiência escolar com o ensino de Língua Portuguesa causa traumas aos falantes da língua? Estas e outras perguntas nos vêm à mente quando buscamos entender o desinteresse que muitos falantes expressam pelo nosso idioma. Pensando nisso, este projeto surge como uma tentativa de mostrar aos brasileiros algo que até então nos parecia óbvio: **Português é legal!**

Por um lado, pretendemos combater o preconceito linguístico, mostrando por que a ideia de “falar certo” está imbuída de crenças equivocadas. Falar e escrever bem significa conseguir causar o efeito desejado, e não seguir esta ou aquela regra.

Por outro lado, achamos necessário popularizar as convenções da língua, cuja utilização é comumente vista como um instrumento de poder. Nosso plano é falar sobre dúvidas do dia a dia, coisas que nos perguntam quando sabem sobre nossa formação. Um falante comum não quer saber se em português o pronome oblíquo átono tem flexão de gênero. O que quer saber é: “**às vezes** tem crase?”; “**dia a dia** tem hífen?”; “**porque** tem acento?”. Quem usa a língua quer saber se é certo falar **gratuíto** ou **gratuito**; pouco importa se isso é verbo, adjunto ou adjetivo.

Se enxergarmos a linguagem dos jornais como modelo de perfeição, estaremos desconsiderando o fato de que, na vida real, ninguém fala como escreve (afinal de contas, a escrita não é mesmo a representação da fala, mas algo distinto!). Será que só uma variedade da língua tem valor? O que dizer, então, da Saudosa Maloca de Adoniran quando ele canta que "o dono mandô derrubá / peguemo tudo a nossas coisas / E fumos pro meio da rua"? E quem haveria de negar a riqueza da frexada que transforma o coração do homem em táubua de tiro ao Álvaro?

Como vocês verão ao longo deste projeto, concordamos com o professor Evanildo Bechara quando ele afirma que "o sucesso da educação linguística é transformar o falante em um 'poliglota' dentro de sua própria língua nacional" (BECHARA, 2001, p. 38). Isso significa ser capaz de transitar entre diferentes falares, em diferentes contextos e com objetivos diversos, e não apenas aprender a falar segundo as "normas".

Nosso objetivo não é ensinar ninguém a "falar direito" ou a "não cometer erros", e tampouco queremos dar a impressão de que as pessoas têm **obrigação** de conhecer a norma-padrão da nossa língua. Mas achamos que todo mundo tem o **direito** de conhecê-la.

Esperamos que este pequeno material seja esclarecedor e que possa levar mais gente a se interessar pela língua que falamos.

Carol & Pablo

Sumário

Equívocos que rondam a Língua Portuguesa	5
O que é norma-padrão ?	7
O que significa variação linguística ?	8
Por que estudar uma língua que eu já domino?	8
Será que eu falo errado?	9
O que se espera de um aluno na aula de português?	10
Como assim "Português é legal"?	11
Sobre os autores	14



Equívocos que rondam a Língua Portuguesa

1. Português é muito difícil.

Já tem algum tempo que os estudiosos da Linguística concluíram que não é possível definir o nível de complexidade ou dificuldade de uma língua e que todos os falantes têm a mesma probabilidade de aprender latim, japonês ou russo, se assim desejarem. Assim como as outras línguas, o português brasileiro tem uma gramática própria que é rica e completa. A dificuldade que se tem em dominar os conteúdos que a escola define como importantes tem levado à falsa ideia de que se trata de uma língua mais difícil que as outras. Mito.

2. Eu não sei nada de gramática.

Alguém que não soubesse nada da gramática da nossa língua poderia ter dito “gramática eu nada de sei não”, ou talvez “sei de não nada gramática eu”, mas nunca “Eu não sei nada de gramática”. A ordem das palavras usadas nesta queixa está de acordo com as “normas” do português e, portanto, demonstra domínio gramatical. O que queremos dizer com esse exemplo é: todos nós aprendemos a gramática de forma intuitiva ao usar a

língua, mesmo sem conhecermos a nomenclatura da área. Por isso, qualquer pessoa – desde que não tenha empecilhos físicos – é capaz de se comunicar compreendendo e sendo compreendida, ainda que não se lembre de conceitos como advérbios ou que não saiba identificar uma oração subordinada substantiva objetiva direta. Mesmo a língua falada no dia a dia, considerada errada por muitos, tem sua gramática. O fato de não corresponder à gramática considerada oficial é outra história.

3. Português tem muitas regras.

Existem vários jeitos de perder a "birra" com as tais regras da nossa língua. O primeiro é entender que tudo isso que a gente chama de regra não é algo sagrado que deva ser temido e obedecido sem restrições, mas sim convenções que acabam facilitando o aprendizado da língua. É verdade que o português falado no Brasil tem, no seu conjunto de convenções, muita coisa que não é usada pelos falantes, o que dificulta o domínio daqueles manuais de gramática. Por outro lado, alguns casos práticos mostram que as convenções acabam simplificando nossa vida. Um exemplo é aquela frase que se aprende na escola desde pequeno: "Antes de P e B nunca usamos N, e sim M". Como o M e o N têm som nasal, eles poderiam ser confundidos em várias situações, mas conhecendo essa formulação fica fácil decidir como se escreve uma palavra. A criança que aprende essa "regra" jamais vai escrever "comfusão" ou "numca", por exemplo. Mesmo se deparando com uma palavra desconhecida ("ronda", "vintém" etc.), poderá acertar sua grafia.

O "lado bom" dessas normas também fica evidente para quem começa a aprender outro idioma: se a gente memoriza uma formulação, não precisa decorar caso a caso, o que tornaria o aprendizado bem mais difícil. Quanto mais a gente conhece essas convenções, mais fácil fica manejar nossos discursos.

Manuais de gramática gigantescos que raramente são usados na prática não é exclusividade do português; trata-se de uma característica bastante comum em todas as línguas. Engana-se quem pensa que em países mais desenvolvidos todos os falantes dominam tudo aquilo que prega a norma-culta: em qualquer língua, o desvio do padrão é NORMAL. Por tudo isso, acreditamos na necessidade de equilibrar duas posturas que, com frequência, são vistas como excludentes: não tratar nenhuma variedade da língua como inferior e, por outro lado, incentivar o aprendizado da norma aceita como oficial.

O que é norma-padrão?

A norma-padrão é o nome que se dá à variedade da língua usada oficialmente e ensinada nas escolas. Trata-se de uma convenção que tem por objetivo estabelecer um "modelo" de língua que possa ser compreendido por todo o país. O problema é que essa norma acaba sendo considerada uma variante de maior prestígio – não porque inclua em si algo de especial, mas por ser a norma que, em geral, grupos de maior poder aquisitivo dominam. A norma serve de referência para que não ocorram desvios muito grandes que

pudessem descaracterizar a língua, mas isso não significa que deva ser seguida à risca. Ela pode ser comparada à caligrafia: ainda que se defina um padrão, cada pessoa vai escrever com uma letra diferente, já que é impossível reproduzir um modelo com perfeição. Vale a mesma ideia para a fala.

O que significa "variação linguística"?

Existem vários tipos de variações: regionais, etárias, de gênero, de grupo social... As línguas mudam – não apenas ao longo do tempo, mas de uma região para outra, de um grupo de profissionais para outro, de um falante para outro. A variação é inerente a todas as línguas, razão porque é injustificável esperar que todas as pessoas sigam um padrão.

Por que voltar a estudar uma língua que já domino?

Estudar é como frequentar uma academia: depois de um tempo parados, começamos a perder algumas das (árduas) conquistas



feitas. Aprender é algo gradual e que nunca vai ser completado com totalidade, já que o volume de informações que temos à nossa disposição é imenso. Estudar a língua materna segue o mesmo raciocínio: mesmo que a usemos diariamente, haverá sempre convenções novas, novas e velhas maneiras de dizer, usos mais criativos e eficientes e assim por diante. Especialistas de qualquer área podem confirmar a necessidade de estudo constante e, tão importante quanto isso, o prazer que pode advir do conhecimento. Dominar nossa língua materna é algo que extrapola os muros da escola e as avaliações escolares: está presente no momento de ler um contrato de aluguel, vender um carro, entender um guia de instruções, escrever relatórios, fazer exames de admissão, divertir-se com livros de gêneros variados... Enfim, é preciso encarar nossa língua como parte da vida e não como uma disciplina escolar da qual a maioria de nós já se livrou.

Será que eu falo errado?

Para os linguistas, é um equívoco considerar que determinada maneira de falar é errada. Para entender essa ideia, fica mais fácil pensar em outro contexto: imaginem que houvesse regras para determinar nosso modo de andar. Modelos poderiam escrever manuais indicando o ângulo de flexão dos joelhos, a velocidade, o tempo de contato da sola dos pés com o chão. Seria possível até mesmo criar um boneco virtual que demonstrasse com exatidão o que seria esperado de nós. Entretanto, na prática, NINGUÉM conseguiria imitar esse modelo de forma precisa. Mesmo que nos

esforçássemos, estaríamos reproduzindo algo artificial, que não é passível de imitação perfeita. O modelo poderia ser importante, por exemplo, para percebermos a diferença entre andar e correr, mas nenhuma pessoa andaria como ele. Sendo assim, seria impossível dizer que as pessoas andam errado, ou que não sabem andar: o que estaria acontecendo, na verdade, seria um desvio em relação ao modelo. Oras, se ele é artificial, nada mais natural que isso! É o mesmo que acontece com a língua: os manuais de gramática sugerem um padrão, mas nenhuma pessoa é capaz de segui-lo à risca; nem mesmo o criador do manual! Se acreditamos em tudo isso – e nós acreditamos—, a ideia de erro cai por terra.

O que se espera de um aluno na aula de Língua Portuguesa?

Aparentemente, muitos alunos se queixam de estudar língua portuguesa e não se envolvem com as aulas e o conteúdo apresentado. Que pena! Não é novidade dizer que o domínio da língua tornaria o estudo de todas as outras disciplinas mais simples e prazeroso. Quanto mais a gente conhece nossa própria língua, mais fácil fica manejá-la para as diversas finalidades possíveis e fazer dela um meio de entretenimento – seja por meio de piadas e trocadilhos, por meio da literatura, da música, ou de qualquer outro uso criativo que se possa fazer da língua.

Aos alunos que não costumam se interessar pelo que lhes é apresentado em ambiente escolar, propomos que façam valer sua autonomia e que selecionem, mesmo sem supervisão, os livros que têm vontade de ler e os conteúdos que têm vontade de aprender. Se o recorte feito pelos professores não agrada – e, claro, raramente conseguirá ter aprovação unânime –, é preciso que os alunos percebam que não há necessidade de se restringir àquilo que lhes é ofertado.

Como assim "Português é legal"?

No início, tivemos a preocupação de que talvez o nome "Português é legal" causasse a falsa impressão de que pretendíamos fazer um projeto com ares patrióticos ou defender a superioridade da nossa língua em detrimento das outras, razão por que fazemos, agora, esta ressalva. Português é legal, sim – assim como o francês, e também o árabe, o alemão, o russo e o latim. Português é legal, mas não mais que espanhol, árabe, híndi ou romeno. Foi assistindo a brasileiros deslumbrados com outros idiomas (enquanto afirmavam não gostar do seu próprio) que chegamos a esta frase simples e, pra nós, óbvia. Aprender línguas é legal e isso não muda quando se trata da nossa língua materna.

A segunda preocupação com que nos deparamos foi o fato de que, não raro, quem gosta de estudar a língua portuguesa tem respeito apenas por uma variedade, aquela que denota mais

prestígio. Em uma cultura na qual criticar o modo como alguém fala é algo bem visto, que parece denotar grandes conhecimentos ou cultura, acreditamos ser essencial falar sobre o preconceito linguístico e chamar atenção para que ninguém se torne um "nazista da gramática" sem perceber.

Quando alguma polêmica linguística ou educacional ganha espaço na mídia, como foi o caso do material didático que *supostamente* ensinava a "falar errado", em 2011, conseguimos perceber que as pessoas têm posições bem distintas em relação a esse assunto: há os puristas, que pensam que a língua é uma questão de moral e que a gramática normativa deve ser seguida à risca; há quem defenda que cada um fala como quiser e viva-a-casa-da-mãe-Joana e há, no meio desses, quem pense que é importante conhecer diferentes variedades da língua e usar a mais adequada em cada caso, que é nossa posição. Partimos do princípio de que respeitar todas as variedades é essencial, mas isso não pode ser usado como desculpa para negligenciar o ensino da norma-padrão.

Esperamos que essa ideia ajude a mostrar às pessoas que muitos conhecimentos não legitimados também têm valor. Esses conhecimentos englobam tudo o que costuma ser considerado menos sofisticado ou de menor prestígio, como um jeito de falar típico de moradores da área rural, um vocabulário conhecido apenas em um estado ou um sotaque característico de determinada região.

A ideia de propor uma reflexão diferente sobre o português brasileiro é pautada na afirmação do linguista Sírio Possenti (1984), que defende que “o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica” e que “não faz sentido ensinar nomenclaturas a quem não chegou a dominar habilidades de utilização corrente e não traumática da língua escrita.”. É com esses pensamentos em mente que esperamos fazer ecoar a ideia de que português é, sim, muito legal.

Sobre os autores



Carol

Mineira, tem graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (2010). Trabalhou como professora, tradutora e revisora de português e inglês. Atualmente, é editora de livros didáticos de língua portuguesa e mestranda da Faculdade de Educação da USP.

carolinajesper@gmail.com



Pablo

Baiano, tem graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (2010). Tem experiência como professor de português, inglês e espanhol. Atualmente, mora em São Paulo e é professor de inglês em uma escola de idiomas.

pblmartins@gmail.com